

**JUVENTUDE E CONTRACULTURA:
INVESTIGAÇÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE
ALUNOS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA**

**YOUTH AND COUNTERCULTURE:
RESEARCH ON THE HISTORICAL CONSCIOUSNESS OF STUDENTS IN THE
PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS**

Ruhamá Sabião¹

RESUMO: Ao longo do século XX, com a chamada "Revolução Cultural", as relações familiares, as concepções de valores sociais e morais passaram por uma transformação, começando a se destacar, também, as diferenças entre adultos e jovens. Pensando nisso, este trabalho objetivou investigar a consciência histórica de alunos da rede pública e privada sobre juventude e contracultura, elaborando, posteriormente, um material didático acerca da temática. Para isso, foi aplicado um questionário comum aos alunos das duas redes de ensino, procurando analisar também as semelhanças e dissonâncias entre eles. Dentre muitas respostas, destaca-se que os alunos não se veem como sujeitos ativos em assuntos políticos, culturais e sociais, com responsabilidade sobre questões do presente. A expectativa foi que, através das leituras historiográficas, fontes e documentos apresentados, os alunos ampliassem sua visão de mundo sobre o que é ser jovem, assumindo uma identidade e percebendo-se como agentes transformadores do lugar onde vivem.

Palavras-chave: Identidade; Juventude; Consciência histórica; Didática da história.

ABSTRACT: Throughout the twentieth century, with the so-called "Cultural Revolution", family relations, conceptions of social and moral values passed through a transformation, and the differences between adults and young people began to be highlighted. With this in mind, this work aimed to investigate the historical consciousness of students from the public and private schools about youth and counterculture, and later, a didactic material about the subject was elaborated. For this, the same questionnaire was applied to the students of the two educational systems, trying to analyze also the similarities and dissonances between them. Among many answers, it is possible to emphasize that the students do not see themselves as active subjects in political, cultural and social subjects, with responsibility on questions from the present. The expectation was that through the historiographical readings, sources and documents presented, students would broaden their world view on what it is to be young, assuming an identity and perceiving themselves as transforming agents of the place where they live.

Keywords: Identity; Youth; Historical consciousness; History Didactics.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ruhamasabiao@gmail.com.

Introdução

Vivem-se tempos difíceis para a Educação e para o Ensino de História. As discussões sobre o que deve, ou não, ser ensinado em sala de aula são incorporadas em pautas maiores, e tomam fins ideológicos. Fruto de longos debates e disputas pelo poder, o livro didático de História tem sido colocado como alvo de contraposições e, até mesmo, como algo a ser combatido (MUNAKATA, 2007). Alguns setores da sociedade o veem como indutor de determinadas ideologias, em detrimento de outras, que pode ser revelado até mesmo em propostas como o projeto “Escola sem Partido²”.

As discussões não ficam restritas ao campo político, abrangem, sobretudo, ao campo educacional. Muitos educadores criticam os livros didáticos, e escolhem não o utilizar em sala de aula, o que já se coloca como uma pauta para pensar a relevância dos livros didáticos e da sua função na escola e na sociedade. Pergunta-se, então, por que os livros são considerados vilões para uma parcela dos educadores? Muitos pesquisadores, para além de dissonâncias teóricas e conceituais, têm se dedicado a analisar tanto a história dos livros, quanto as questões culturais, políticas e educacionais que envolvem sua produção e circulação (BITTENCOURT, 2008; CHOPPIN, 2004; GASPARELLO, 2009; MUNAKATA, 1997).

De acordo com Moreno (2012), uma possibilidade de pesquisar os livros didáticos é uma junção na investigação, envolvendo não somente a materialidade e os processos de produção, mas, também, os aspectos inerentes ao código disciplinar da História, agregando questões de identidade, linguagem, afetividade, desenvolvimento moral, cognição e horizonte de expectativas.

² O Projeto de lei está em tramitação em nível nacional e atingindo estados e municípios. Tem como precursor Miguel Nagib, e propõe que não haja doutrinação ideológica nas escolas. Sua proposta “visa conscientizar os estudantes e pais sobre seus direitos e deveres”. A título de exemplo pode-se colocar um dos “deveres do professor” que, segundo a proposta: “O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias”. Dessa forma, seria retirado do professor o direito de manifestar suas posições, ou de possibilitar aos alunos formarem opiniões e se engajarem em prol da luta contra injustiças. (ESCOLA SEM PARTIDO, 2018).

Para tanto, este trabalho é resultado de um processo de análises e discussões desenvolvidas durante a graduação em História³, em relação aos livros didáticos, seus usos e práticas. Para isso, primeiramente foram analisadas coleções de livros didáticos, aprovadas no PNLD de 2014 e, posteriormente, realizadas investigações acerca da consciência histórica de alunos do Ensino Médio, visando propostas de conteúdos didáticos que poderiam ser incorporadas aos livros. Para tanto, este artigo está dividido em três momentos: a explicação das propostas; a realização da pesquisa em sala de aula; e a discussão teórica para elaboração de material didático.

1. Analisando os livros didáticos: perspectivas e caminhos

No ano de 2014, na disciplina de Teorias do Ensino de História, componente curricular do curso na Universidade Estadual do Norte do Paraná, foi realizado um trabalho de análise de coleções dos livros didáticos do Ensino Fundamental II, sendo que cada grupo escolheu uma coleção aprovada pelo PNLD de 2014. Já em 2015, foi realizado um trabalho de investigação da consciência histórica de alunos da rede básica de ensino sobre determinados temas, o qual será abordado posteriormente.

Nesta análise, as perguntas direcionadas aos livros foram: qual é a forma de organização: cronológica ou temática?; Os livros demonstram progressão cognitiva nas diferentes seriações?; Na coleção didática analisada, há preocupação com o desenvolvimento do juízo moral relacionado ao Ensino de História?; Nas atividades, há gradação de dificuldade nos conteúdos?; Apresenta preconceitos, religiosos ou étnico-raciais?

De acordo com o Guia do PNLD (2014), os critérios gerais para se avaliar eram: 1. Respeito a legislação, as diretrizes e as normas oficiais relativas ao ensino fundamental; 2. Observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano; 3. Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela

³ No período do segundo e terceiro anos da graduação, entre 2014 e 2015.

coleção, no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados; 4. Correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos; 5. Observância das características e finalidades específicas do Manual do Professor e adequação da coleção à linha pedagógica nele apresentada; 6. Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da coleção. E os critérios específicos para a História eram: 1. Uso do conhecimento atualizado nas áreas de História e Pedagogia; 2. Anúncio da função social da história e dos pressupostos teórico-metodológicos veiculados pela coleção; 3. Estímulo ao conhecimento da historicidade das experiências sociais; 4. Desenvolvimento de conceitos, habilidades e atitudes na construção da cidadania; 5. Emprego de texto iconográfico no desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, considerando sua condição de fonte para a produção do conhecimento histórico; 6. Isenção de anacronismos e voluntarismos (BRASIL, 2013).

Com isso, foi escolhida a coleção "Encontros com a História", das autoras Carla Maria Junho Anastasia e Vanise Ribeiro (2012). A coleção analisada se apresentou pertinente aos critérios propostos pelo PNLD e, até por isso, foi aprovada. Porém, mesmo um bom livro ou um bom documento, deve ser analisado de forma crítica, pois engrandece o debate e possibilita novos caminhos. A coleção foi organizada de forma cronológica; demonstrou progressão nas atividades propostas do 6º ao 9º ano, trazendo fontes que se aproximavam à realidade dos alunos, de acordo com a idade; mostrou-se preocupada, em sua maior parte, com questões de juízo moral que são trabalhadas constantemente no Ensino de História; demonstrou gradação na dificuldade dos conteúdos, sendo o livro do 9º ano, o mais complexo em questão conceitual e de atividades; não apresentou preconceitos religiosos ou étnico-raciais explícitos, porém deixa de abordar diversas religiões e etnias, bem como a participação das mesmas em momentos cruciais da História. Para além das perguntas que foram respondidas, foi observada a relevância de alguns temas, mais presentes

durante a coleção, e a falta⁴ de outros que poderiam acrescentar à formação dos alunos.

Por isso, em 2015, na Prática como Componente Curricular (PCC) da disciplina de Didática do Ensino de História, foi proposto investigar a consciência histórica dos alunos acerca de determinadas temáticas. Dessa forma, foi escolhido o tema da juventude, visto que no ano anterior constatou-se que ocupa um espaço muito restrito nos livros didáticos, não sendo possível aos alunos observarem os aspectos relacionados a uma identidade da juventude.

2. Conhecendo os alunos as escolas e os alunos

Para iniciar o trabalho de investigação acerca da consciência histórica dos alunos sobre o tema “A juventude nos anos 60”, escolhemos trabalhar com dois colégios, um da rede pública⁵ e um da rede privada⁶. Ambos estão localizados no município de Santo Antônio da Platina, entretanto, são geograficamente distantes e possuem públicos alvos claramente distintos.

O Colégio 1, situado na zona urbana da cidade, no bairro Vila Rennó, contava, até 2015, com 374 alunos, divididos em 17 salas, no Ensino Fundamental II e Médio, nos períodos da manhã, tarde e noite. Divide a estrutura física com uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. O colégio possui laboratórios de Física, Química e Biologia, e de informática, sala de recursos, de apoio pedagógico e também biblioteca. Passou por muitas reformas nos últimos anos, principalmente externas, na parte da pintura e de melhoramento da estrutura. No último IDEB realizado, em 2013, a nota do colégio foi de 3,5.

A maioria dos alunos é de classe baixa, com famílias numerosas, adolescentes com dificuldade de aprendizagem e de relacionamento com os outros, e que, frequentemente, necessitam de estrito apoio da escola, do

⁴ O conteúdo que será citado estava presente nos livros didáticos, mas de forma breve e sem muitas reflexões, o que levou o grupo a pensar um material didático para acrescentar a essa temática.

⁵ Será denominado “Colégio 1” ao longo do texto.

⁶ Será tratado como “Colégio 2 ao longo do texto”.

corpo docente e administrativo. São diversos os fatores que fazem com que seja alta a taxa de evasão antes do término do Ensino Médio e, principalmente, os índices de reprovação e a inserção no mercado de trabalho.

O Colégio 2, abrange a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, pertencente a rede privada do município de Santo Antônio da Platina - PR. Está localizado na área urbana da cidade, porém não em um bairro central. O público atendido, em sua maioria, é de classe média alta. Contava com 308 alunos, em 2015, distribuídos entre: Maternal, Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio, com aulas nos períodos da manhã e da tarde.

No Colégio 1, o instrumento de pesquisa foi aplicado no dia 16 de agosto de 2015, sendo realizado em um 9º ano. A turma é agitada, e já no primeiro horário a professora teve dificuldade em chamar a atenção deles para que os dados fossem coletados. O número total de alunos é de 25, sendo 20 meninos e 5 meninas, porém, no dia do recolhimento das respostas somente 18 estavam presentes e colaboraram com a coleta. Foi feita uma breve fala sobre o objetivo das questões e pedido para que respondessem com atenção, sendo sinceros em suas respostas, pois, assim, poderiam ser obtidos melhores resultados. Estavam receosos por alguns fatores perceptíveis nas falas dos alunos, como: não estarem respondendo corretamente; a não obrigatoriedade das respostas; e a não atribuição de nota. Ainda assim, todos os presentes responderam.

No Colégio 2, o instrumento de pesquisa foi aplicado no dia 28 de julho de 2015. Os alunos ficaram um pouco surpresos, mas brevemente começaram a perguntar se a atividade valia nota, ou algo parecido⁷. Foi respondido que era um trabalho para a faculdade, mas alguns ficaram desanimados quando souberam que não valia nota. A sala contava com 15 alunos, na faixa etária entre 13 e 14 anos. Há três meninas na sala e o restante são meninos. Dos 15 estudantes, 12 participaram do diagnóstico, os outros três não estavam na aula no dia da atividade.

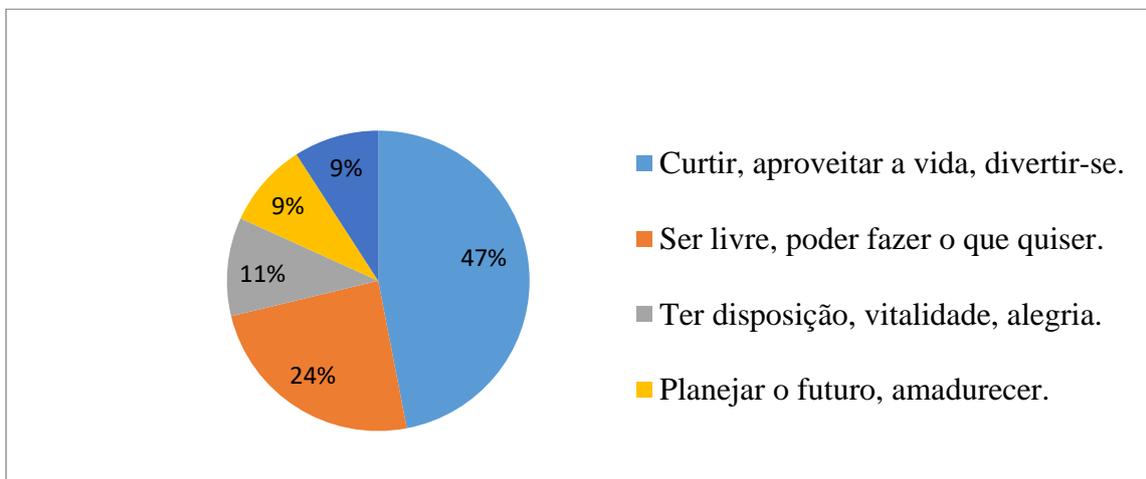
⁷ É importante salientar as reações dos alunos, pois essas podem influenciar em suas respostas e no que será analisado delas posteriormente.

3. Investigando a consciência histórica: questionários acerca das perspectivas sobre a temática da juventude

Depois de conhecer os colégios e a realidade dos alunos, serão apresentados gráficos, contabilizando as respostas para cada questão, para melhor explanação do conteúdo. Como houve muitas respostas parecidas, foi colocado em porcentagem o número de alunos que responderam às diferentes afirmações. A análise das respostas será realizada posteriormente à apresentação das mesmas.

A primeira questão foi: "Para você, o que é ser jovem? Dê exemplos.". As duas respostas mais encontradas foram associadas à liberdade que o jovem possui e à sua vida social. Uma questão foi diferente das outras, na rede privada, na qual o aluno escreveu: *"Ser jovem é a etapa da vida na qual nos preparamos, para posteriormente cuidarmos de nós mesmos, e possivelmente formar mais uma família. Por exemplo, aprender a administrar os próprios bens e a se interessar por estudos e trabalho"* [sic.].

Gráfico 1 - Questão 1: Para você, o que é ser jovem? Dê exemplos.

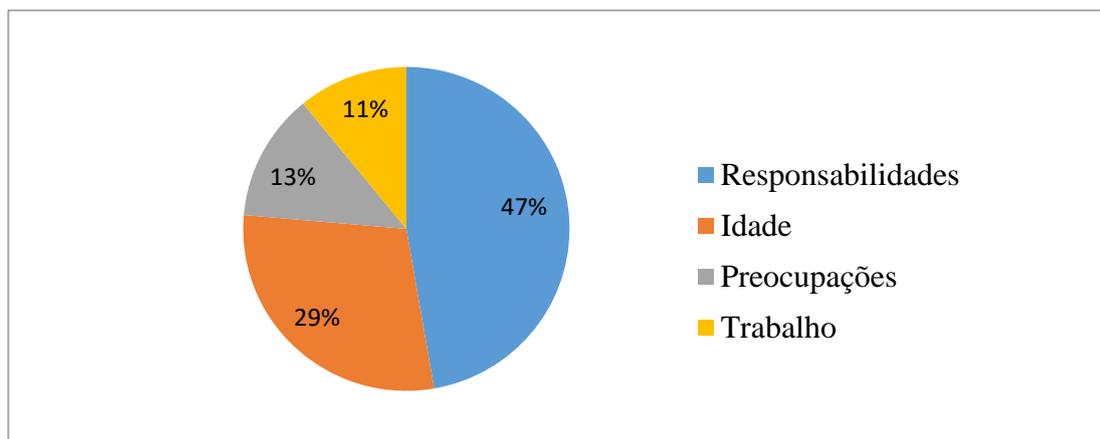


Fonte: A autora (2018).

A segunda questão foi: "Qual a principal diferença entre um jovem e um adulto?". Nessa questão, os alunos ressaltaram, na maioria das

respostas, que o jovem é irresponsável e o adulto responsável. Em uma das afirmações, um aluno do Colégio 1 diz: *"Os jovens são irresponsáveis sem compromisso já os adultos são responsáveis serios e não gosta de brincadeira sem sentido"* [sic.]⁸. Também ressaltaram a questão de que um adulto trabalha e um jovem só se diverte como na resposta de outro aluno do mesmo colégio: *"Adulto tem muitas coisas para se preocupar já o jovem só se diverte"* [sic.]. No Colégio 2, um aluno afirmou: *"Um jovem ainda é um tanto indeciso sobre suas escolhas e normalmente um adulto já sabe como tomar suas decisões corretamente. Os jovens também a maioria não liga para a ética"* [sic.].

Gráfico 2 - Questão 2: Qual a principal diferença entre um jovem e um adulto?



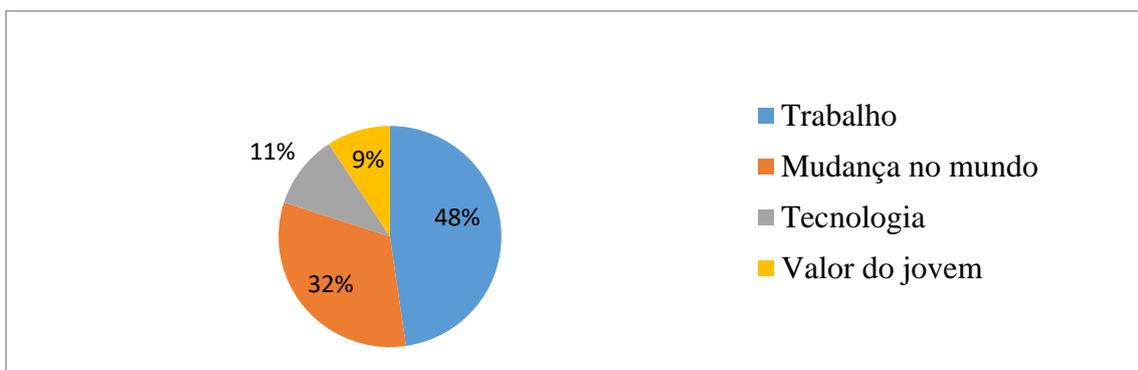
Fonte: A autora (2018).

A terceira questão foi: "Você acha que esta diferença foi sempre a mesma em todos os tempos? Explique.". Os alunos tiveram bastante dificuldade nessa questão, a maioria das respostas foi relacionada às formas de trabalho e também aos relatos de seus avós, pais e mães, como na resposta deste aluno do Colégio 1: *"Não, porque quando minha mãe contava que na época eles eram crianças, tinham muita responsabilidade e eram tratados com mais rigides"* [sic.]. Dois alunos do mesmo colégio

⁸ Neste trabalho, todas as respostas dos alunos questionados serão transcritas literalmente, pois contribuirão para análise posterior.

responderam que a diferença sempre foi a mesma, relatando respectivamente que: *"Sim pois sempre avera diferença porque os mais velhos não tem todas as informações as coisas vai mudando."* [sic] e *"Sim, nunca deram muito valor no jovem"* [sic.]. Um aluno do Colégio 2 ressaltou a diferença na liberdade e poder de decisão: *"Não antigamente você não podia fazer quase nada era tudo proibido agora você é mais livre você já pode decidir sua vida antigamente não"* [sic.].

Gráfico 3 - Questão 3: Você acha que esta diferença foi sempre a mesma em todos os tempos? Explique.

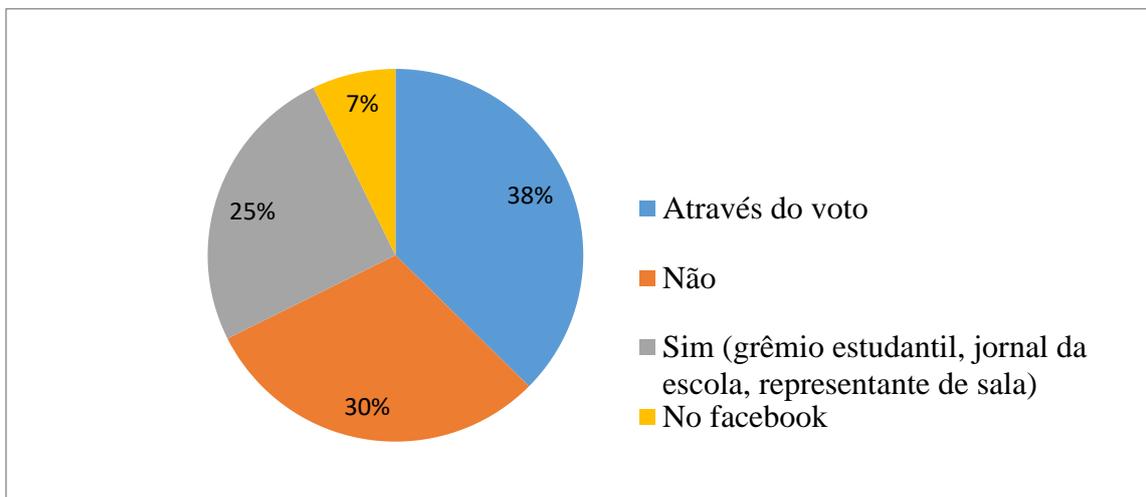


Fonte: A autora (2018).

A quarta questão foi: "Os jovens da atualidade desempenham algum papel político? Em algum outro tempo que você conheça o papel político dos jovens foi diferente do de hoje?". As respostas foram curtas, a maioria delas ficou entre "Sim e não". Mais uma vez, um aluno do Colégio 1 usou o exemplo de um relato dos seus familiares, e escreveu assim: *"Sim, nos tempos dos meus avós os jovens lutavam contra a ditadura querendo melhorar a sociedade"* [sic.]. No Colégio 2, a maioria dos alunos associou ao direito de voto que os jovens possuem, um deles escreveu: *"Sim. Antigamente os jovens não tinham tantos direitos igual hoje que eles podem protestar e votar a partir dos 16 anos podendo muito interferir e ajudar a política, assim como aconteceu nas Diretas Já"* [sic.]. Nos exemplos, de ambos os colégios, algum conhecimento histórico foi relacionado a respeito do tema. É interessante ressaltar que em ambos, os

alunos viram o grêmio estudantil, o jornal da escola e o representante de sala como formas atuais de os jovens desempenharem seu papel político, como nas seguintes afirmações: *"Sim, porque hoje tem o grêmio estudantil"* [sic.] *"Sim, alguns fazem o jornal da escola"* [sic.], *"[...] mas um exemplo é aqui na escola a gente tem um representante para falar as coisas que a sala deseja [...]"* [sic.].

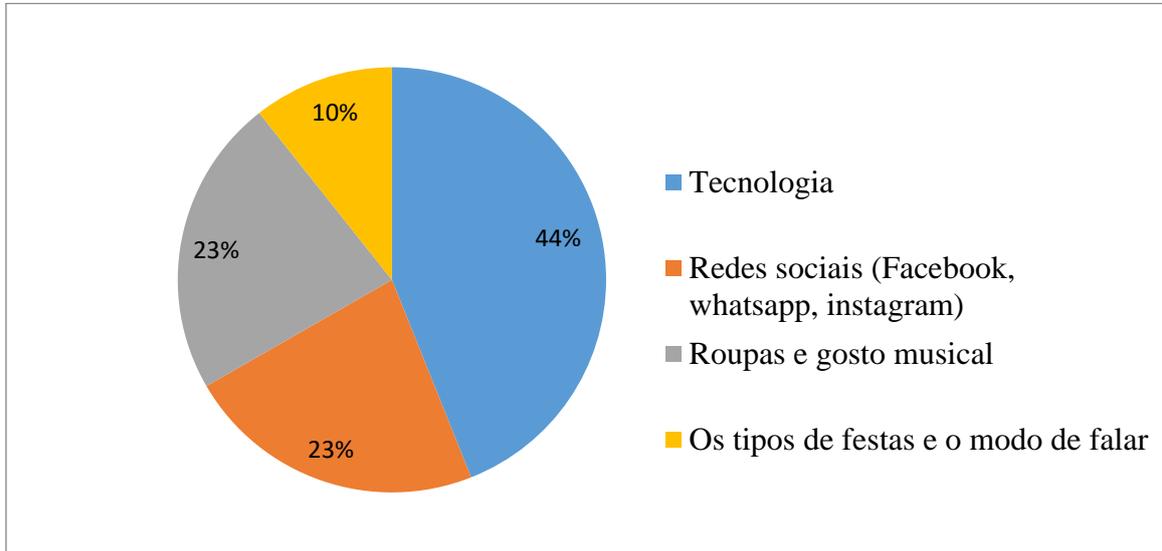
Gráfico 4 - Questão 4: Os jovens da atualidade desempenham algum papel político? Em algum outro tempo que você conheça o papel político dos jovens foi diferente do de hoje?



Fonte: A autora (2018).

A quinta e última questão foi: "O que caracteriza a cultura da juventude atual? Ela é diferente da de outros tempos?". A maior parte dos alunos, de ambos os colégios, respondeu que é a tecnologia que caracteriza a cultura da juventude atual, mas também as roupas, as músicas, e os diferentes tipos de festas. Todos escreveram que é totalmente diferente de outros tempos. Como afirmou um aluno do Colégio 1, hoje *"Os jovem que mais whatzap"*. [sic]. Um aluno do Colégio 2, afirmou: *"Acredito que a cultura da juventude atual, está muito ligada à tecnologia, que na minha opinião, pode ser um risco, em diversos fatores, desde intelectuais a humanos. Antes, a juventude era mais ligada à brincadeiras manuais e quase não ligada à alta tecnologia"* [sic.].

Gráfico 5 - Questão 5: O que caracteriza a cultura da juventude atual? Ela é diferente da de outros tempos?



Fonte: A autora (2018).

Com as respostas dos alunos, pode-se observar que eles têm pouco conhecimento histórico a respeito do tema, apesar de, em determinados momentos, descreverem alguns fatos, não os incorporaram às características de ser jovem. Eles descreveram e viram a si mesmos como “irresponsáveis” e que “não participam da política”, “só querem saber de *whatsapp*”. Através de respostas como essas, se pode perceber que eles desconheciam qual foi, e ainda permanece sendo, o papel do jovem na sociedade e, principalmente durante o século XX, nas décadas de 50 e 60, como será trabalhado a seguir. Pode-se observar, também, através da comparação entre as respostas dos alunos da rede pública e da rede privada, que o pensamento acerca do tema que eles descrevem são os mesmos, ainda que façam parte de diferentes realidades. As maiores diferenças estiveram na maneira como expressaram suas opiniões e no modo como escreveram. Na rede privada, conseguiram desenvolver melhor a resposta e cometeram menos erros de grafia. Já na rede pública, as

respostas foram mais diretas e não houve tanto desenvolvimento em relação ao outro colégio.

Segundo uma visão geral incutida nas falas dos alunos, um jovem e um adulto sempre foram diferentes, porém a historiografia aponta que a juventude, tal como se caracteriza hoje, não foi sempre assim. A partir dos anos 50, do século XX, começou a se criar a ideia de uma “cultura da juventude” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 7). Assim, como afirma Hobsbawm (1995, p. 317), “a juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade [...] até na metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente”. Sendo assim, a partir das afirmações dos alunos, passou-se a pensar em qual conteúdo seria necessário para que fosse ampliado o aprendizado dos alunos em relação ao tema e para que fosse despertada uma identidade da juventude. Para isso, foi necessário percorrer por um arcabouço teórico e historiográfico que, de certa forma, desempenhasse o papel de debater com as afirmações dos alunos.

4. Juventude, Contracultura e Identidade: referenciais teóricos

Ao longo do século XX, com a chamada “Revolução Cultural”, as relações familiares e as concepções de valores sociais e morais passam por uma transformação, começando a se destacar, também, as diferenças entre adultos e jovens. Se durante o século XIX, os filhos queriam ser o mais parecido possível com seus pais (tanto no jeito de se vestir e se portar, como em sua conduta moral), depois disso o objetivo seria se diferenciar cada vez mais deles.

Para Hobsbawm (1995), a cultura jovem tornou-se a matriz da Revolução Cultural, no sentido mais amplo de uma revolução de modos e costumes. Tais mudanças rejeitavam a ordenação histórica estabelecida nas relações sociais, que as convenções e proibições simbolizavam. O autor considera que a melhor maneira de vislumbrar tal revolução é através das estruturas de relações entre os sexos e gerações, principalmente a partir da década de 1960, visto que tais relações sofrem uma mudança vertiginosa.

Nesse contexto, surgiram algumas teses sobre a puberdade desses meninos e meninas, que inclusive sugeriam que remédios fossem ministrados para amenizar esse “perigo” para o indivíduo e a sociedade. Segundo as teses desses médicos, o desejo sexual do adolescente conduzia à violência, à brutalidade, ao sadismo, à apreciação da violência e do sangue. Há uma evidente criminalização da fase da puberdade (PERROT, 2001). Emergiram, então, discussões sobre Educação sexual com a intervenção da escola, para auxiliar as famílias com essa tamanha responsabilidade. Nessa Educação, haveria uma ênfase contra os considerados maus hábitos.

Para além das discussões no âmbito biológico e psicológico, nos anos 1950, contexto pós II Guerra Mundial e início da Guerra Fria, a grande concentração de jovens e a ascensão dos Estados Unidos como potência capitalista fizeram com que o novo estilo de vida norte-americano, caracterizado como *american way of life*, repercutisse para o resto do mundo. A indústria de consumo propagada nos Estados Unidos fez com que as comunicações de massa se expandissem, o que possibilitou, a partir dos anos-1950, o surgimento de uma “cultura jovem”. Os jovens, revoltados com os valores impostos pela sociedade, buscavam uma forma de se diferir de todas as pessoas que representassem autoridade sobre eles, não só no pensamento, como no modo de se vestir e nos gostos musicais e artísticos. Houve, também, jovens intelectuais que contestavam esse estilo de vida norte-americano difundido pelo mundo, através da poesia, da prosa e da arte, a chamada *beat generation*, no campo universitário.

A expressão “contracultura” foi designada pela imprensa norte-americana, com o intuito de caracterizar essa nova onda de manifestações que vinha surgindo com força, não só nos Estados Unidos, mas, também, em países da Europa. Vale salientar que não há cultura natural e a contracultura veio para mostrar isso. O que há são “culturas”, diferentes maneiras de ver a realidade, diferentes modos de ler o mundo, independente de se estar localizado no Ocidente ou no Oriente, cada cultura é única.

Segundo o autor Carlos Alberto Pereira (1983, p. 8), no livro "O que é *Contracultura*": "Inicialmente, o fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante". Para o autor, isso era apenas a ponta do *iceberg*, pois no decorrer de toda a década de 1960, a parte política do movimento (os movimentos estudantis, mais precisamente o Maio de 68) juntamente com a parte cultural (os festivais de Altamont, Monterey e Woodstock) viriam a ficar muito mais evidentes. No campo musical, Beatles, Bob Dylan, Janis Joplin, entre outros, apareceram nesse cenário de contestação reunindo cada vez mais um público jovem que se identificava com as músicas, ideário e postura dos artistas, visto, também, que a faixa etária entre os jovens e os novos artistas se aproximava. A consciência etária começa a aparecer como um traço da contracultura.

Os Beatles representavam "não apenas música, mas, especialmente todo um novo estilo de vida, ao lado de novos comportamentos, incluía também humor, invenção, novas roupas e até mesmo um novo corte de cabelo" (PEREIRA, 1983, p. 45). Já Bob Dylan

Ao longo de sua trajetória nas décadas de 60 e 70, Dylan desempenhou o papel de uma figura extremamente polêmica, capaz de gerar os protestos mais radicais por parte de seu público, ao mesmo tempo em que era tomado como um verdadeiro mito. Cantor *folk*, porta-voz da Nova Esquerda americana, guru dos *hippies*, inovador do *rock*, estes são alguns dos rótulos com que ele teve que se defrontar naqueles anos quentes e difíceis. De um modo ou outro, o fato é que Dylan alcançava um sucesso estrondoso, não apenas com artista mas, basicamente, como um dos líderes de toda uma geração (PEREIRA, 1983, p. 52).

Os Beatles e Bob Dylan viveram dentro da contracultura, seja influenciando ou sendo influenciados por ela e, por vezes, foram vistos por seu público, maioria composto por jovens, como porta-voz de seus ideais, lutas e sonhos, vivos em suas canções e atitudes. Um exemplo são as declarações que Dylan chegou a dar à imprensa, dizendo que suas canções protestavam contra o conformismo, contra guerras, preconceitos, etc.

Também, através dos meios de comunicação, foi televisionada a primeira guerra, a chamada Guerra do Vietnã (1955-1975), de onde surgiram muitas manifestações por parte dos jovens, não só dos Estados Unidos, como do mundo todo. Os jovens, revoltados com a violência contra os vietnamitas e o alistamento forçado de seus pares, protestavam contra a violência que assolava o Vietnã. O movimento *hippie*, trazendo em sua bandeira o lema "*Peace and love*" (paz e amor), marcou esse período de manifestações pela paz mundial, assim como o Festival de Woodstock, que reuniu, em 1969, cerca de 450.000 jovens.

A música foi um grande veículo de difusão dessa cultura jovem por todo o mundo. Em seus diferentes estilos, algumas bandas começam a emergir no cenário da música. Surgindo das camadas pobres da sociedade norte-americana, com influência da música negra, o *rock'n roll* e, posteriormente, o *rock* dos anos 1960, contestavam, através de suas letras e, também, do modo de se portar dos seus compositores, a sociedade do pós-guerra e seus valores impostos. Como afirma Pereira (1983, p. 43):

No quadro da contracultura, o rock é um tipo de manifestação que está longe de ter um significado apenas musical. Por tudo que conseguiu expressar, por todo o envolvimento social que conseguiu provocar, é um fenômeno verdadeiramente cultural, no sentido mais amplo da palavra, constituindo-se num dos principais veículos da nova cultura que explodia em pleno coração das sociedades industriais avançadas.

A juventude dos anos 1960 foi a chamada geração *baby boom* (denominação usada para designar os jovens nascidos no período entre 1940 e 1960). Também havia a geração *beat* (BRANDÃO; DUARTE, 1990), que procurava alicerçar suas críticas à sociedade capitalista e ao autoritarismo do mundo comunista, seja através da música, arte, ou em seu comportamento, sendo essas suas primeiras formas de manifestação. Nas camadas universitárias também surgiam diversas críticas à política, aos direitos civis, às lutas das minorias, das mulheres, dos homossexuais e aos problemas que assolavam a sociedade naquele período de forma geral. Na

França, ocorreu o “Movimento de Maio de 68”, impulsionando outros movimentos estudantis pelo mundo.

Essa tendência mundial chegou também ao Brasil. Os anos 1960, de efervescência política no país, foram palco de manifestações culturais, políticas e de mobilizações estudantis. Organizados em diversas entidades representativas, como os DCEs (Diretórios Centrais Estudantis), as UEEs (União Estaduais dos Estudantes) e a UNE (União Nacional dos Estudantes), suas reivindicações, protestos e manifestações influenciaram os rumos da política. Os estudantes protestavam por causas específicas como a ampliação de vagas nas universidades públicas, por melhores condições de ensino, contra a privatização, em defesa das liberdades democráticas e por justiça social. Em março de 1968, o assassinato do estudante Edson Luis de Lima Souto, gerou grande comoção popular e repúdio ao sistema de governo ditatorial que houvera sido imposto com o golpe militar de 1964, o que levou em junho do mesmo ano à chamada “Passeata dos cem mil”. Com a implantação do AI-5, as ações dos movimentos foram reprimidas, e somente depois do fim da ditadura militar, o movimento voltou às ruas, como nas “Diretas Já”, que foi citado anteriormente na resposta de um aluno do Colégio 2.

Não só no campo político, mas, também, no artístico e cultural, a influência da chamada contracultura dos Estados Unidos chegou ao Brasil, principalmente através das camadas da classe média urbana e nos centros universitários. Movimentos como a Tropicália marcaram essa juventude transviada brasileira, a frase “Seja marginal, seja herói” de Hélio Oiticica, marcou um ideário de juventude no período.

A juventude dos anos 1960, de modo geral, através de diversificados meios, conseguiu ganhar espaço no cenário político, artístico e cultural, emergindo com uma nova cultura que, embora muito criticada na sua época, foi de grande importância para os rumos da História mundial, assim como da História do Brasil. Abramo (1997, p. 31) afirma que:

[...] a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Essa

reelaboração positiva acabou, desse modo, por fixar assim um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária.

Portanto, não há como negar o papel que os jovens desempenharam nesse período dos anos 1960 e vêm desempenhando, em todos os segmentos da sociedade, até os dias de hoje. Apesar de, muitas vezes, não terem voz e serem sucumbidos pelos que permanecem no poder, é de valiosa importância o que a juventude representa na sociedade e o que consegue através de lutas.

5. Possibilidades de intervenção didática

Ainda que não tenha sido possível voltar aos colégios e realizar intervenções que levassem esses conteúdos aos alunos, foi realizado um exercício em grupo para pensar em questões que poderiam estar no livro didático e que os fizessem refletir sobre o tema. Foram elaboradas cinco questões, porém serão comentadas duas neste texto, a título de exemplo.

A primeira questão, em seu enunciado, explanou que as manifestações ocorridas durante toda a década de 1960, chamadas de contracultura, tiveram um caráter de mudança. Nessa, os jovens, já com uma consciência etária, começaram a questionar a cultura oficial das sociedades ocidentais, sendo que os mais evidentes eram a aparência e o comportamento, que passavam a distinguir mais dos adultos. Nesse cenário, o rock surgiu como representante dos ideários da juventude, e uma das bandas de destaque era os "Beatles". A partir da explanação, foi proposto que se analisasse duas imagens, uma dos Beatles em 1960, em sua primeira apresentação no "The Ed Sullivan Show", e outra dos mesmos em 1967, na vanguarda psicodélica.

Figura 1 – Primeiro show do Beatles, no “The Ed Sullivan Show” (1960)



Fonte: The Microscopic Giant (2014).

Figura 2 - A Beatles Christmas (1967)



Fonte: PastDaily (2012).

As perguntas propostas para análise e reflexão foram: “De acordo com as duas imagens apresentadas, quais elementos você identifica que os

jovens conseguiram mudar acerca de alguns padrões de comportamento do tempo em que viveram?"; "A partir da resposta acima, quais os elementos culturais você pensa ter caracterizado a juventude dos anos de 1960?"

Na segunda questão, já adentrando no campo político e mais próximo dos movimentos estudantis, o enunciado levou ao conhecimento dos alunos que a participação política dos jovens estudantes foi um dos fatores mais relevantes na juventude dos anos 1960, mas que durante determinado período, como no regime militar, havia sido vetada, acontecendo muita repressão e violência contra os estudantes. Então, foi apresentado um documento e quatro imagens.

O documento foi a Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964, mais conhecida como "Lei Suplicy de Lacerda", que recebeu esse nome devido a quem a implantou, Flávio Suplicy de Lacerda, o Ministro da Educação de 1964 a 1966, conhecido por ter sido reitor da Universidade Federal do Paraná. Diz o seguinte:

Art. 14. É vedada aos órgãos de representação estudantil qualquer ação, manifestação ou propaganda de carácter político-partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares. Parágrafo único. Nos estabelecimentos de ensino de grau médio, somente poderão constituir-se grêmios com finalidades cívicas, culturais, sociais e desportivas, cuja atividade se restringirá aos limites estabelecidos no regimento escolar, devendo ser sempre assistida por um professor (BRASIL, 1964).

As imagens foram de manifestações políticas em 1968, 1983/84, 1992 e 2013, com diferentes bandeiras.

Figura 3 - Passeata dos Cem Mil (1968)



Fonte: Isto é (2018).

Figura 4 – Movimento Diretas Já (1983-1984)



Fonte: Instituto Durango Duarte (2019).

Figura 5 - Movimento pelo impeachment do Presidente Collor (1992)



Fonte: Rolling Stone UOL (2012).

Figura 6 - Jornadas de Junho - Revolta dos 20 centavos (2013)



Fonte: Huffpost Brasil (2014).

A partir do exposto, foi proposto aos alunos que analisassem e refletissem sobre: "Quem eram os atores dessas manifestações?"; "Como você acha que essa lei foi cumprida à época?"; "Os estudantes a aceitaram e cumpriram sem hesitar?"; "Com a sua vivência hoje, como você acha que os seus direitos como estudante foram adquiridos?"; "Você se considera um sujeito ativo politicamente?"

Considerações finais

Sendo esse trabalho uma proposta essencialmente de pesquisa, não se podem ter resultados concretos e definidos de como seria se fosse realizada alguma intervenção baseada nas respostas e, ainda que fosse aplicada, a pesquisa preocupou-se em investigar a consciência histórica de alunos, especificamente, do Ensino Fundamental II e da cidade aonde a graduanda residia. Assim sendo, não se pode pensar que essas respostas refletiram o que todos os jovens pensam, mas sim de um público especificamente alcançado neste momento que pode, ou não, ser espelho de um pensamento comum à faixa etária.

Portanto, as questões demonstraram que as experiências dos alunos na escola, e suas vivências no cotidiano, não os levam a pensar como jovens atuantes no meio em que vivem. Pelo contrário, eles próprios se autodenominaram “irresponsáveis”, “não querem nada com nada”, sinalizando que eles são conscientes do que têm o poder de fazer, porém, por causas hipotéticas, podem não ser incentivados a isso durante a vida escolar. É complexo pensar qual a consciência de juventude desses alunos, pois seria preciso analisar o acesso e estímulo que eles têm a determinados conteúdos, as interferências externas, que estão muitas vezes exteriores aos muros da escola. Por pensarem que o certo é ser “o adulto, responsável, que pensa no futuro”, eles deixam de lado a valorização da fase pela qual estão passando, sem considerar que seus costumes, roupas, músicas que ouvem, e tudo o que os envolvem, fazem parte de sua identidade e de quem eles são. Conversar e socializar somente entre eles, na maioria das vezes, é a forma que encontram para “responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 24).

Essas respostas também levam a pensar, como educadores, qual é o papel da escola na valorização dessas “culturas juvenis” (DAYRELL, 2007)? Se na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I as salas têm uma decoração especial, enfeitada, cheia de cores, desenhos e características

que remetem à infância e ao ser criança, no Fundamental II e Ensino Médio são salas padronizadas, no máximo com alguns mapas ou trabalhos realizados pelos alunos, não refletindo um espaço no qual eles têm a liberdade de intervir e se identificarem.

Além disso, o trabalho levantou questões acerca do que deve estar presente nos livros didáticos e o que deve ser ensinado nas aulas de História. O objetivo não é, então, afirmar que o conteúdo proposto deva ser essencialmente uma proposta presente em livros didáticos, mas, sim, que é uma possibilidade que pode auxiliar os alunos a se perceberem como grupo, como juventude, e conseguirem mobilizar seus conhecimentos e aprendizados na vida prática (RÜSEN, 2012).

Por isso, ficam dois questionamentos ao final desta pesquisa: as ações realizadas pelos professores – incluindo a autora deste artigo –, se preocupam em levar o aluno a se identificar com o que é aprendido nas aulas de História? Os livros didáticos contribuem para uma ampliação da visão e da consciência histórica dos alunos caracterizados como a juventude atual? Quais ações podem ser realizadas para ampliar a autonomia de pensamento dos alunos, e a capacidade de mediação, na sociedade na qual estão inseridos? Cabe a todos os profissionais da Educação refletirem e continuarem em um esforço constante de renovação das ações e intervenções realizadas na escola, espaço no qual a juventude vive a maior parte das suas experiências.

Referências

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 25-36, maio/dez. 1997.

ANASTASIA, Carla Maria Junho; RIBEIRO, Vanise Maria. *Coleção de livros didáticos Encontros com a História (6º a 9º ano)*. 3 ed. Editora Positivo: Curitiba, 2012.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais da juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.

BRASIL. *Lei nº 4.464, de 9 de Novembro de 1964*. Dispõe sobre os Órgãos de Representação dos Estudantes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1964.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos: PNLD 2014: história: ensino fundamental: anos finais*. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2013. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/4661-guia-pnld-2014>. Acesso em: 24 out. 18

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

COLÉGIO CASUCHA. *Informações sobre o Colégio Casucha*. Santo Antonio da Platina, 2018. Disponível em: <http://www.colegiocasucha.com.br/>. Acesso em: 24 out. 18.

DAYRELL, Juarez. A Escola "Faz" as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

ESCOLA SEM PARTIDO. *Ementa: institui o "Programa Escola sem Partido"*. 2018. Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/pl-federal>. Acesso em: 24 out. 2018

GASPARELLO, Arlette. O livro didático como referência de cultura histórica. *In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca (org.). A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. v. 1, p. 265-279.

HOBBSAWM, Eric. Revolução cultural. *In: HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX: 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 314-336.

HUFFPOST BRASIL. Possível aumento provoca a ira do Movimento Passe Livre pelo Brasil e atos contra tarifas do transporte público podem voltar. *Huffpost Brasil*, 20 de novembro de 2014. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2014/11/20/possivel-aumento-provoca-a-ira-do-movimento-passe-livre-pelo-bra_n_6194862.html. Acesso em: 29 jan. 20.

INSTITUTO DURANGO DUARTE. Protesto de estudantes de Teatro - alunos da Escola Teatro Martins Penna, no Rio de Janeiro, protestam em favor da eleição direta para presidente. *IDD*, 2019. Disponível em: <https://idd.org.br/acervo/protesto-de-estudantes-de-teatro/>. Acesso em: 29 jan. 20.

ISTO É. A mobilização que fustigou a ditadura. *Isto é*, 15 de junho de 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-mobilizacao-que-fustigou-a-ditadura/>>. Acesso em: 29 jan. 20.

MORENO, Jean. Limites, escolhas e expectativas: horizontes metodológicos para análise dos livros didáticos de história. *Antíteses*, Londrina, v. 5, n. 10, p. 717-740, jul./dez. 2012.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Informações sobre o Colégio Tiradentes*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2018. Disponível em: http://www.snptiradentes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=._ Acesso em: 24 out. 18.

PASTDAILY. A Beatles Christmas – 1967 – Past Daily Pop Chronicles: Holiday Edition. *Pastdaily*, 25 de dezembro de 2012. Disponível em: <<https://pastdaily.com/2012/12/25/a-beatles-christmas-1967-past-daily-pop-chronicles-holiday-edition/>>. Acesso em: 29 jan. 20.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERROT, Michelle (org.). Da revolução francesa à primeira guerra. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 4, p. 162-173.

ROLLING STONE UOL. “Nós radicalizamos, mas a História nos deu razão”. *Rolling Stone Uol*, 29 de setembro de 2012. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-72/nos-radicalizamos-mas-historia-nos-deu-razao/>>. Acesso em: 29 jan. 20.

RÜSEN, Jorn. Aprendizagem histórica: esboço de uma teoria. In: RÜSEN, Jorn. *Aprendizagem histórica*. Curitiba: W. A. Editores, 2012. p. 69-111.

THE MICROSCOPIC GIANT. 50th anniversary of The Beatles playing on The Ed Sullivan Show. *The Microscopic Giant*, 14 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://themicrogiant.com/beatles-50th-anniversary-playing-ed-sullivan/>>. Acesso em: 29 jan. 20.

Recebido em 24 de outubro de 2018

Aceito em 07 de outubro de 2019